

**WILLIAMS, J. & CHESTERMAN, A. (2002) -
THE MAP. A BEGINNER'S GUIDE TO DOING
RESEARCH IN TRANSLATION STUDIES [GUIA
PARA O PESQUISADOR INICIANTE NOS
ESTUDOS DA TRADUÇÃO]. MANCHESTER,
GB: ST. JEROME PUBLISHING.**

Elaine C. D. Sant'Anna*

A primeira edição de *The Map – A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies* dirige-se tanto a alunos da disciplina Estudos da Tradução, carentes de uma introdução detalhada de como se iniciar uma pesquisa (p. 1), como a graduandos e pós-graduandos ou, ainda - de acordo com a classificação de Mossop (1994:402) - aos alunos do curso “tipo dois”.

O Capítulo Um aborda, logo no início, as áreas dos Estudos da Tradução. O mapeamento de Williams & Chesterman se diferencia daquele sugerido por Holmes ([1972]1988), já que o trabalho do primeiro mapeamento apresenta as doze áreas principais, divididas em trinta e oito subáreas, enquanto o mapeamento de Holmes possui três áreas principais e treze subáreas. O trabalho de Pagano & Vasconcelos (2003), que mapeou as pesquisas de tradução no Brasil, difere, também, nas subáreas finais, já que apresenta vinte e seis subáreas.

Mas apesar dessa diferença, há alguns pontos coincidentes entre *The Map* e os outros mapeamentos dos autores acima citados. Na verdade, Williams e Chesterman esclarecem que sua lista não é exaustiva. Eles fazem um breve comentário de cada área de pesquisa, enfatizando que sua abordagem não é exaustiva. Ao final, este capítulo, que apresenta essas doze áreas, proporciona grande ajuda aos alunos que precisam se afiliar a uma determina-

* Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Campus Universitário Trindade - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

da área, que precisam decidir quanto à área de pesquisa, ou mesmo aquele que, dentro de uma área específica, precisa escolher qual campo é o mais atraente para seus estudos. Esses alunos terão uma ideia bem clara das áreas e de seus tópicos, bem como importantes referências para o início de seus estudos.

O Capítulo Dois contém treze sugestões de aspectos práticos e metodológicos na abordagem do trabalho de pesquisa. A primeira parte do capítulo/da discussão trata de como descobrir, dentro de uma área mais ampla, um tópico mais específico, e fazer indagações sobre ele com o objetivo de conduzir o leitor a uma mudança em seu modo de pensar a questão. Os autores destacam a necessidade de se conversar com especialistas da área de pesquisa, de quem o aluno poderá receber conselhos para desenvolver suas ideias e com quem poderá trocar informações. Em seguida, o pesquisador deve procurar diferentes fontes, como bibliotecônomos de universidades, revistas e outros veículos mais especializados, associações de tradutores e recursos via internet, como bases de dados, grupos de discussão, *websites*, *homepages* etc.

Na sequência, os autores apontam algumas formas de se ler um texto como, por exemplo, a leitura rápida e superficial, a leitura mais atenta e detalhada; diante da necessidade de uma leitura crítica, os autores sugerem que o aluno leia, sempre, tendo em mente o propósito dessa atividade. A partir disso, deve-se fazer anotações de leitura, com as próprias palavras, estabelecendo uma distinção entre as ideias próprias e as ideias de outros, dividindo as anotações entre os temas diferentes e tomando cuidado com as citações a serem feitas em seu projeto de pesquisa.

Essa parte do livro chama a atenção para os três níveis diferentes de confiança num texto fonte. Nesse sentido, o sexto conselho dirige-se à bibliografia, que deve se manter anotada, desde o início da pesquisa, para facilitar o trabalho posterior; indica-se, então, a diferença entre *bibliografia* e *referências bibliográficas*, apresentando alguns exemplos destas últimas. A seção termina destacando a importância da consistência no formato escolhido para as referências.

A sétima orientação é sobre a importância do planejamento do tempo a ser gasto no projeto. Depois disso, o capítulo apresenta a necessidade de se trabalhar dentro de um escopo. O trabalho

com um/a orientador/a e o relacionamento entre este/a e o/a pesquisador/a é apresentado na seção seguinte. Posteriormente, os autores listam as habilidades de um ser humano envolvidas durante o desenvolvimento de uma pesquisa, bem como algumas estratégias sobre as quais se deve refletir. A seguir, o capítulo trabalha com Planejamento de Tecnologia de Informação, ou os aspectos logísticos, com orientações sobre alguns tipos de *hardwares* ou *softwares* para as diferentes fases do projeto, abordando também algumas exigências específicas de diferentes tipos de pesquisas. A outra seção é sobre a importância de se manter um diário com o objetivo de se organizar o trabalho e esclarecer o pensamento do pesquisador. Por fim, o texto oferece um plano que poderá ajudar o pesquisador a não perder tempo.

O Capítulo Três, “Modelos teóricos de tradução”, desenvolve o conceito de *modelo* e apresenta, também, os seus três tipos básicos, a serem usados pelos Estudos da Tradução – o comparativo, o processual e o causal, acompanhados de suas utilidades e de seus objetivos. O pesquisador, tendo consciência dos limites de sua reflexão, ficará mais seguro.

No Capítulo Quatro, Williams e Chesterman discorrem, em seis tópicos, sobre as distinções entre os diferentes tipos de pesquisas, definindo, em primeiro lugar, a *Pesquisa empírica e conceitual*. Argumentam que, embora haja diferenças entre as duas pesquisas, os Estudos da Tradução, com seus campos diversos, necessita de ambas as abordagens. Com relação à análise conceitual, os autores destacam o fato de que os conceitos dirigem a ação e são, também, parte da pesquisa empírica. Assim, Williams e Chesterman apresentam nove tipos de processos que fazem parte da pesquisa conceitual, e observam como a seleção e a interpretação pessoal dos conceitos, das metáforas e das teorias são influenciadas pelos sentimentos, pelas ideologias e pelas motivações pessoais. Citando Hempel (1952:1), referenciado por Toury (1995:9), o capítulo apresenta os dois objetivos principais da Pesquisa empírica: a descrição do fenômeno particular no mundo da experiência humana e o estabelecimento dos princípios gerais da abordagem. Em seguida, apresentam-se detalhes dos Estudos Naturalísticos e Experimentais, que são subtipos da Pesquisa Empírica.

Com relação às Pesquisas Qualitativas e Quantitativas, embora a primeira seja mais subjetiva que a outra, muitos pesquisadores envolvem-se com as duas. Após a descrição de ambas, são apresentados alguns exemplos dos Métodos Empíricos de Pesquisa, tais como estudos de casos, estudos de pesquisas, estudos de *corpus* e estudos históricos e de arquivos. O capítulo termina com uma explicação a respeito da pesquisa aplicada, cujo objetivo é fazer bom uso dos resultados de uma pesquisa ou de uma análise conceitual.

O Capítulo Cinco focaliza a preparação de perguntas, na tentativa de se entenderem as respostas, o preparo de asserções e a proposição de hipóteses. Williams e Chesterman destacam a importância de um pesquisador aprender a “fazer boas perguntas” (p. 69), o que, aliás, é uma boa razão para se dedicar à literatura relacionada à pesquisa.

A pergunta de pesquisa é chamada, também, de *problema da pesquisa*. Os autores apontam para tipos diferentes de perguntas: as perguntas iniciais ou introdutórias, que concernem à *definição* ou ao *significado*, as perguntas básicas sobre dados, as perguntas descritivas, e perguntas ligadas às causas e aos efeitos. Desse modo, este capítulo revela a importância de asserções específicas que florescem como respostas às boas perguntas. Uma asserção, ancorada em boas evidências e em argumentos lógicos, além de testada e avaliada, é o que dá o toque pessoal à pesquisa, ou seja, ela revela novas ideias ao campo da tradução.

Entre as diferentes disciplinas, o termo “asserção” pode corresponder à “proposição” ou “hipótese”. Williams e Chesterman deixam explícita a importância das hipóteses e apontam quatro tipos de hipóteses e de seus usos: a *interpretativa*, a *descritiva*, a *explicativa* e a *predicativa*. Em seguida, o capítulo trabalha com o teste da hipótese, revelando que esse procedimento é o que “distingue o trabalho científico de outras formas de se buscar o conhecimento” (p. 78). O primeiro passo num teste de hipótese é a operacionalização, ou seja, a concretização, que vai além do primeiro passo, o qual deve ter sido uma impressão intuitiva. Isso é necessário, segundo os autores, para se medir algo concreto na pesquisa, além de assegurar sua confiabilidade. O segundo passo é o próprio teste. Para que ele se realize, a primeira exigência é que

a hipótese seja *falsa*, ou seja, “deve ser possível provar que a hipótese é errada” (p. 79). A segunda exigência, no caso de a hipótese não ser falsa, é que ela deva ser *testável*, ou, se não for possível testá-la diretamente, que suas *consequências* sejam testadas.

O Capítulo Seis explora as relações entre as variáveis, definidas como “aspectos da realidade” (p. 83) que os pesquisadores tentam conectar para poder entendê-las melhor. As variáveis, bem como as relações entre elas, têm aspectos quantitativo e qualitativo, os quais são explorados no Capítulo 4.4.

Williams e Chesterman apontam a existência de dois tipos de variáveis nos Estudos da Tradução: “aquelas relacionadas às próprias traduções e as outras, relacionadas com o mundo externo às traduções” (p. 85). Ou seja: trata-se das *variáveis do texto* e das *variáveis do contexto*. Apresentam-se, então, alguns exemplos de tipos diferentes de variáveis empregadas nos trabalhos de alguns pesquisadores. O capítulo termina enfatizando que o/a pesquisador/a deve se esforçar para deixar explícito quais são as variáveis estudadas, o tipo de relação procurada e o tipo de asserção encontrada.

O Capítulo Sete trabalha com a seleção e com a análise de dados e é dividido em quatro partes: Tipos de dados, Representatividade, Categorização e Uso de estatísticas. Os autores correlacionam, na primeira parte, tipos específicos de pesquisas com tipos específicos de dados, e mostram como o pesquisador iniciante deve coletar alguns tipos de dados. Os dados podem estar disponíveis, mas o pesquisador precisa encontrá-los e esse processo demandará, algumas vezes, muito mais tempo do que se calculava.

Quanto à representatividade, o material a ser usado pelo pesquisador será *especial*, “quando não for possível tirar mais conclusões gerais sobre ele” (p. 92), ou *típico*, isto é, ele representa elementos mais amplos sendo possível “generalizar a partir dos resultados” (p. 93). É comum encontrarmos dados que são 100% representativos, o que indicará que a maioria das conclusões “devem ser qualificadas e devem se tornar relativas” (p. 94). Há dois processos que são parte de uma categorização: a busca por similaridades e a busca por diferenças.

De acordo com Williams e Chesterman, uma das tarefas mais difíceis de um projeto é formar categorias. Por isso, os autores apon-

tam duas opções para as categorias: a clássica (ou aristotélica), que é composta de duas categorias que se excluem, e as imprecisas (ou categorias naturais), que não têm limites totalmente definidos e se sobrepõem. Em seguida, os autores definem a *classificação* como um “conjunto relacionado de categorias” (p. 95) e apontam dois tipos delas: a binária simples e a contínua. Alguns princípios da Estatística são muito importantes nos estudos empíricos dentro dos Estudos da Tradução e este capítulo apresenta alguns conceitos sobre ela.

O Capítulo Oito, com 15 páginas, destaca o processo de redação do relatório de pesquisa ou a tese. A primeira recomendação é: “comece a escrever desde o princípio e escreva muito, o tempo todo”. Embora isso possa parecer muito automático, os autores, pelo contrário, enfatizam a necessidade de uma compreensão muito clara das leituras e a ligação das leituras do/a pesquisador/a com suas próprias ideias. O texto não deve conter apenas fragmentos das ideias de outras pessoas, mas consistir num diálogo do qual tanto o/a pesquisador/a como outros escritores participam. A segunda parte do capítulo trabalha com as referências e as citações, apresentando exemplos nos formatos apropriados à disciplina dos Estudos da Tradução em língua inglesa.

The Map enfatiza a importância, para o pesquisador, de ter em mente o leitor do texto e não apenas a preocupação de passar informações adiante; é essencial dizer algo que seja de fato importante para esse leitor. Ao escrever com esses princípios, o produtor do texto terá de usar alguns procedimentos. Além de todos os procedimentos sugeridos, que serão apreciados pelo leitor, o livro enfatiza o valor da confiabilidade – o leitor precisa confiar no pesquisador e, para isso, o trabalho deve ser feito de forma cuidadosa e paciente, com atenção minuciosa sobre cada detalhe tomado como indispensável à pesquisa.

O quarto tópico desse capítulo diz respeito à estrutura lógica do relatório, fornecendo exemplos de estruturas convencionais usadas na redação de pesquisas. Os autores, neste ponto, tratam do bloqueio do escritor, apresentando várias sugestões práticas para se superar esse problema. Já o sexto tópico explora a substanciação de um pesquisador, que acontece por meio da evidência ou da garantia e da lógica e que sustenta a asserção feita pelo pesquisador.

O “padrão desejável de asserções” (p. 111), de acordo com Williams e Chesterman, é o de que elas devem ser “específicas o suficiente para serem testadas e importantes o suficiente para merecerem atenção” (p. 111). Além disso, destacam o aspecto das qualificações, dos limites, a serem definidos pelo pesquisador, para que fique claro que ele/ela tem consciência do escopo ou das restrições do projeto. Os autores argumentam que esses limites funcionam como um meio de proteção às possíveis objeções que poderão surgir; assim, é preciso que sejam antecipados.

Com respeito à Introdução e à Conclusão, argumentam que pesquisas acadêmicas de bom nível têm um tipo padrão para essas seções do trabalho. Assim, os autores sugerem alguns passos para escrevê-las, recomendando, quanto à Introdução, que o pesquisador leia algumas, em artigos, para observar o modo como foram desenvolvidas. No final, o capítulo enfatiza a importância do *Feedback* e da Revisão, e aconselham o pesquisador a se preparar para revisar quantas vezes forem necessárias, submetendo o trabalho a amigos, colegas, professores e orientadores.

O Capítulo Nove avalia as apresentações orais do trabalho, que poderão acontecer em algumas situações específicas. Williams e Chesterman enfatizam a questão da preparação de uma apresentação oral, distinguindo três pontos importantes: é necessário identificar a audiência, saber, exatamente, a razão de se fazer tal apresentação e de conhecer muito bem o conteúdo do trabalho. Além disso, neste tópico trabalha-se com a importância de se terminar a apresentação dentro do prazo determinado. O tópico termina apresentando as diferenças entre um trabalho escrito e um oral, o que leva à necessidade de se “estruturar bem, apresenta-lo bem e usar bem os recursos visuais” (p. 117).

O capítulo desenvolve, assim, três fases de preparação textual: a estruturação, a apresentação oral e a seleção dos recursos visuais. O terceiro tópico, o dos Recursos Visuais, enfatiza, basicamente, dois pontos – o uso dos recursos visuais e o ensaio para uma apresentação. Além disso, esse tópico sugere algumas ideias para o preparo, bem como conselhos para a apresentação, tais como considerar a sessão de “Perguntas e Respostas”, manter-se calmo/a e evitar confrontos.

O Capítulo Nove enfatiza o fato de que o apresentador deve se preparar muito bem e treinar para desenvolver habilidades e competências necessárias em apresentações orais, pois tais apresentações disseminarão os resultados de sua pesquisa, bem como contribuirão para a reputação e para a carreira do pesquisador.

No Capítulo Dez, os autores exploram a questão da Avaliação, abordando cinco aspectos que a compõem: a auto-avaliação, a avaliação interna e externa e a avaliação após a publicação com os critérios adotados por diferentes examinadores. No primeiro tópico apontam-se quinze questões que devem ser alvos do pesquisador. A avaliação interna foi explorada anteriormente no tópico 8 do capítulo 8, e trabalha com a importância de se convencer e de impressionar o leitor, além de apresentar alguns pontos relevantes para professores, examinadores ou leitores críticos ao avaliarem o trabalho. A avaliação externa acontece quando o trabalho é submetido à publicação de revistas, periódicos etc. ou como “parte de um órgão de fomento à pesquisa” (p. 124) para os quais há sempre critérios específicos.

Os autores enfatizam que os trabalhos completos, que preenchem as exigências e que são apresentados dentro do prazo têm muito mais possibilidade de serem aceitos. Em outro tópico, exploram-se a extensão, a organização, as resenhas de leituras, a lógica, o estilo, o valor acrescentado e o plágio. Na seção final, o capítulo trabalha com as diferentes avaliações que podem ocorrer no final do trabalho do pesquisador. Uma tese, por exemplo, pode ser publicada ou pode ser alvo de uma resenha, de citação ou referência em outros trabalhos, fato em que o pesquisador terá a oportunidade de aprimorá-la já que uma “pesquisa é uma jornada que não tem um ponto de chegada” (p. 128).

The Map, após o capítulo dez, apresenta 11 páginas de Referências, quatro páginas com Índice e cinco páginas com Índice de autores.

O trabalho de Williams e Chesterman é um guia detalhado para alunos e pesquisadores, voltados ao desenvolvimento de projetos de pesquisa, e uma boa ferramenta para professores que precisam auxiliar estudantes dos Estudos da Tradução. Ele apresenta, de forma clara e objetiva, conceitos, metodologias e o passo a passo para todos aqueles que estão envolvidos nesse campo, que

é tão antigo na tradução, mas ainda bem novo como área acadêmica. O pesquisador poderá seguir o livro passo a passo ou simplesmente aproveitar os capítulos que lhe forem úteis em função do momento de sua pesquisa. Embora seja um livro denso, com relação ao volume de informações, o texto é de fácil leitura, mesmo para aqueles que ainda não têm um nível avançado de língua inglesa. Além disso, os capítulos fluem, como que numa conversa com o leitor.

Um aspecto interessante da obra *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies* é a inclusão de uma referência em cada capítulo. Além disso, os autores oferecem, até mesmo, algumas sugestões àqueles alunos que ainda não se decidiram quanto ao tema ou à área de pesquisa. Algumas dessas sugestões podem até mesmo parecer, para alguns leitores, um tanto quanto óbvias; no entanto, elas são muito úteis e contribuem, de forma significativa, para aqueles que já iniciaram suas pesquisas no sentido de se sentirem mais seguros. É possível perceber que Williams e Chesterman, de fato, pretendem oferecer a seus leitores a possibilidade de sentirem, o máximo possível, tanto o peso prático como emocional que os pesquisadores enfrentam. Por outro lado, eles tentam acalmar os pesquisadores revelando-lhes algumas questões que virão, futuramente, no momento adequado. É interessante, também, que *The Map* aborda ambos os lados da pesquisa: a tradução e o processo de tradução. O ponto forte deste livro, além de toda sua informação, recai no modo como os autores o apresentam: uma forma direta, objetiva e simples, o que faz de *The Map* um livro altamente recomendável a todos os que estão trilhando os caminhos dos Estudos da Tradução.

Referências bibliográficas

- HOLMES, J. S. ([1972]1988) *The Name and Nature of Translation Studies. Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi.
- MOSSOP, B. (1994) Goals and methods for a course in translation theory. In: SNELL-HORNBY et al (Eds.). *Translation Studies, an Interdiscipline*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- PAGANO, A., VASCONCELOS, M. L. (2003) *Estudos da Tradução no Brasil: Reflexões sobre Teses e Dissertações Elaboradas por Pes-*

quisadores Brasileiros nas Décadas de 1980 e 1990". *Revista D.E.L.T.A.*, 19:1-25.

TOURY, G. (1995) *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam e Filadelfia: John Benjamins.